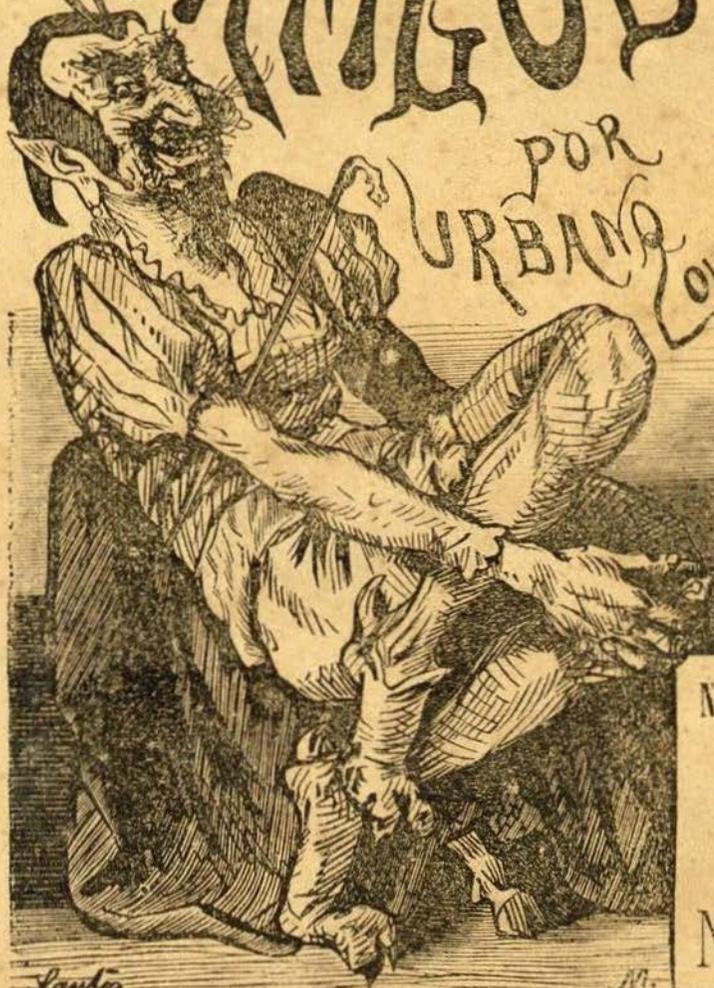


ORTIGÕES

POR
URBANO
LOUREIRO



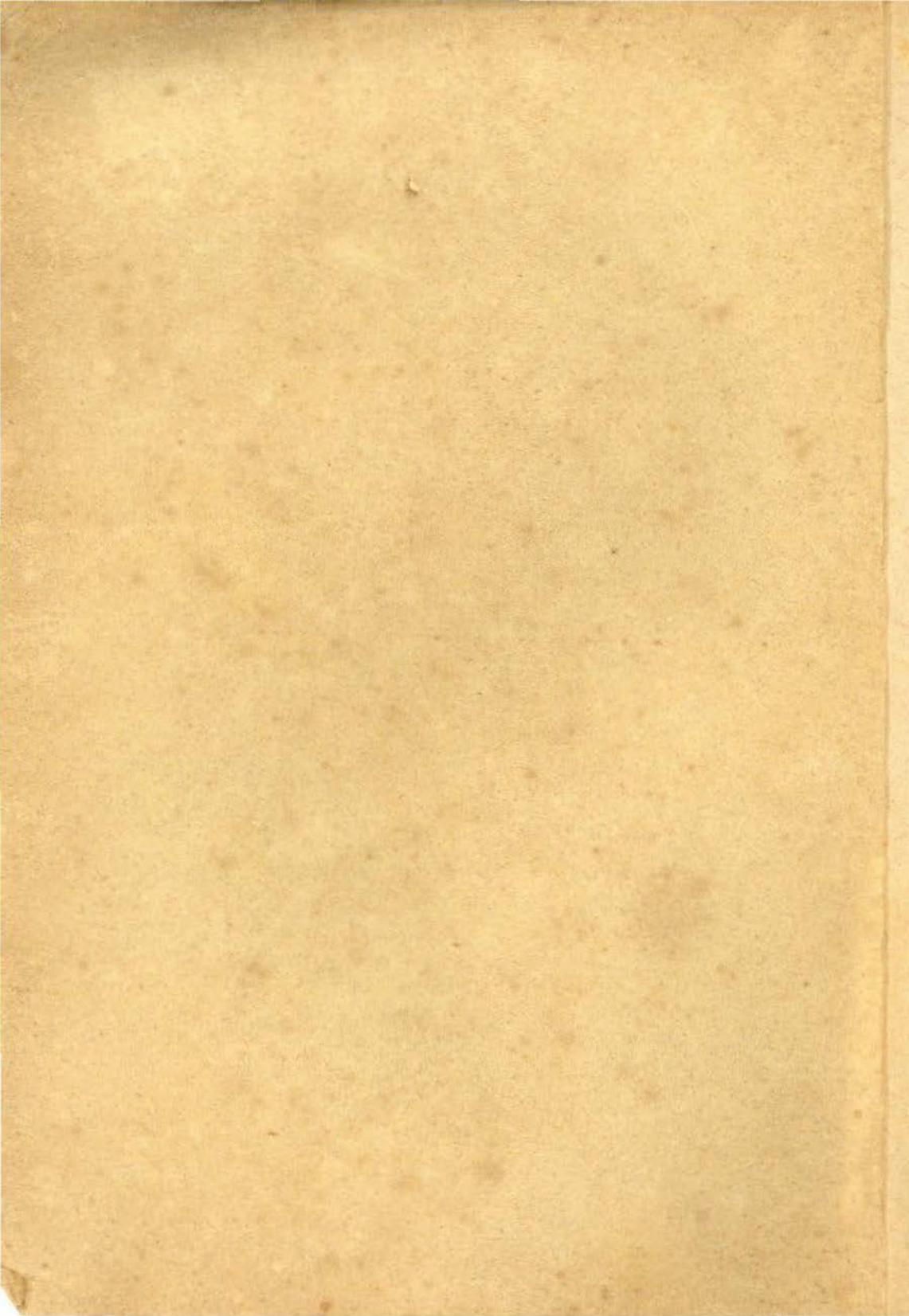
NOVEMBRO

DE

1876

—

N.º 2



25593

URBANO LOUREIRO

BIBLIOTECA DULCE FERRÃO

OPERTA - 31 JAN. 2001

ORTIGÕES

CHRONICA DO MEZ — PERFIS DIVERSOS
— SATYRAS DA ACTUALIDADE

N.º 2

NOVEMBRO DE 1876

PORTO

LIVRARIA CIVILISAÇÃO DE EDUARDO DA COSTA SANTOS, EDITOR

8 — Santo Ildefonso — 10

—
1876

La satire, comme la conscience, nous rapelle
ce que souvent nous voudrions oublier.

Madame de Blessington.

SUMMARIO

UMA RECOMPOSIÇÃO.—Quadrilha ministerial.—Altas questões impolíticas.—Um governo descomposto, —e recomposto.—A perna d'uma meza e o membro d'um ministerio.—Fóra com o caruncho! — Porque se amputou o snr. Barjona.—1\$600:000 reis para aguardente.—Sêde rasoaveis! — AS QUESTÕES D'HONRA.—Um duello em perspectiva.—Arranja-se tudo.—O campo da honra.—Vinte desafios... e meio duello.—*Antes assim!*—*Por um tris!*—*Podia ser fatal!*—Duellos e actas.—Nepomoceno e Nicodemos.—Alvitre para a solução dos casos d'honra; art.º unico, § unico.—A batota! — MINISTERIOS SIAMEZES.—Canovas-Fontes.—Organizações sympathicas.—*O nariz do Tabellião*.—Incumbe-se o problema ao snr. M. Maximo e C. Belem.—O DUQUE DE SALDANHA, e a gazeta. A opinião publica — e a posteridade.—O MENDIGO SNR. BARJONA.—Porque o nomearam conselheiro do tribunal de contas.—S. exc.^a e os pobres dos asylos.—Votamos pelos pobres.—UMA EXPOSIÇÃO DE AVES no palacio de cristal.—O que diziam os passaros.—NO CONGRESSO HESPANHOL. Um episodio.—CAMAPHEUS — II, *De Cabrières*.—Quem é? Mystério!—Será Frei Francisco das Chagas? Será o snr. Mozer?—Compõe-se o animal.—Fracá rez! — UM HORTELÃO POLITICO.—O snr. conde de Casal Ribeiro, e os tachos da opposição. Passa ao fundo s. exc.^a—Um homem das Arabias.—CAVACO.—A Critica e os jornalistas...—Observações mansas.—Note bem.

UMA RECOMPOSIÇÃO

Disseram os jornaes politicos d'este mez que houve recomposição ministerial, porque o snr. Barjona, que era ministro das justicas passou para o logar vago de conselheiro do tribunal de contas, o snr. Avelino, que era ministro das obras publicas, passou para o logar vago de ministro das justicas, e o snr. Lourenço de Carvalho, que era engenheiro civil, passou para o logar vago de ministro das obras publicas.

E tomando este numero de quadrilha franceza para thema dos seus succulentos artigos, as gazetas de opposição ministerial, uma opposição cheia de bilis, de esgares epilepticos, de espuma aos cantos da bocca, exprobraram o naturalissimo e logico procedimento do governo Fontes-Serpa-Sampaio em phraze adequada ás altas questões impoliticas—da Ribeira Nova.

Este diz:

«Porque foi demittido o snr. Barjona de Freitas?! Sabemol-o: por uma torpissima especulação de interesses sordidos.

«Porque mudou a pasta o snr. Cardoso Ave-
lino?! Tambem sabemos : para deixar aberta a
porta a uma combinação, gisada sobre um pen-
samento injurioso e villão. Mas os artificiosde
politica suja . . . etc.

» . . . ; e todas essas vozes de desgosto e de
irritação contra os ministros podem resumir-
se n'esta ultima expressão : — Canalhas !»

Aquelle observa :

« . . . Emquanto o snr. Barjona foi simples-
mente um ministro indulento, não o acharam
maduro para um alto cargo rendoso; assim que
elle deu escandalo, assim que elle deitou pre-
gão de immoralidade, assim que elle affrontou
com impudencia a opinião publica, o snr.
Fontes disse comsigo :

« Bem, está na conta », e tratou de o agra-
ciar. »

Aquell'outro accrescenta :

« Os ministros, sahindo do poder para si-
necuras rendosas, podem melhorar a sua for-
tuna, mas não logram readquirir o pudor e a
moralidade que perderam, representando um
papel indecoroso e demonstrando com o maior
desassombro, que ter assento nos conselhos da
corôa está sendo um meio de arranjar a vida. »

E o primeiro conclue dizendo que el-rei :

« . . . foi levado perfidamente a authenticar

com a sua auctoridade uma combinação que é uma *pouca vergonha, maroteira, deboche, patifaria, descaramento, desaforo, pilhagem, etc.*»

e que:

«... tinha razão o deputado ministerial, que, ao saber da recomposição do gabinete e do despacho do sur. Barjona de Freitas, exclamou:—Isto é um governo de pilhos e de pulhas.»

. . .

Esta linguagem arrepiada de termos demasiado... familiares, afigura-se-nos pouco palaciana, e haverá até quem a considere menos respeitosa, mas o facto explica-se,—posto que nada o justifique,—pela necessidade de chamar á sensibilidade, ao calor, á vida a face apergaminhada e muitos dos nossos homens politicos.

Vão esforço! Não ha sangue nas faces, quando se apagaram os brios no coração.

Hoje o maior inimigo da dignidade innata em todo o homem de bem, podem crê-lo os felizes que o não experimentaram ainda, é a politica portugueza.

. . .

Quando teve logar o successo ministerial de que vimos fallando, com perdão das pessoas de ouvidos melindrosos, as folhas dos partidos adversos soltaram este brado :

«Houve recomposição ministerial!»

Como quem dizia :

«Fomos logrados mais uma vez!»

Recompõe-se o que já foi uma vez composto, e que nos conste, é este effectivamente o segundo remendo que s. exc.^a o snr. Fontes applica ao seu ministerio, tal qual o que mandamos fazer á meza em que firmamos os cotovellos e garatujamos este irregular bastardiinho, que os typographos mudarão ámanhã em bonita lettra redonda.

Foi o caso que lhe entrou a traça n'uma das pernas (refiro-me ás da meza), de modo que principiou a cahir aos bocados, chegando mesmo a coxear. Chamamos então um carpinteiro e apresentamos-lh'a.

—Mas que tem ella, snr.?—interrogou elle.

—Veja lá. Nada menos que esta perna a desfazer-se de pôdre.

— Isso não tem duvida. Tira-se e põe-se outra. E' ainda meza para resistir, se não lhe entrou o achaque do bicho no resto da madeira.

— Mas se entrou?

— Se entrou, não vale a compostura. Desfaz-se toda em caruncho.

— É o mesmo. Já agora, corte-lhe a perna e remende-a como puder.

Dir-se-hia que bebêramos inspirações no snr. Fontes para a compostura da nossa meza, na sua decantada composição ministerial.

Apenas divergimos um pouco no destino, que démos á perna,—quer dizer, ao snr. Bar-na,—isto é, o snr. Fontes ao snr. Barjona e nós a perna da meza.

. . .

Ora se o nobre ministro das justiçaes era a perna mais pôdre da tripeça ministerial, como dizia a opposição, porque motivo clama agora e se esmonca ao vêr amputado o membro corrupto?

Não está satisfeita ?

Queria que o snr. Fontes o guardasse por mais tempo no seu corpo.

Mas a posteridade jámais perdoaria a s. exc.^a esse rasgo de suicida abnegação. Seria levar até ao arranco final o respeito pelos principios da solidariedade politica, e já dizia, não nos lembra se Esculapio, se Hypocrates ou Galeno,—*contaminatus member oportet cor-*

tari. Seguindo, pois, as indicações e denúncias da opposição, foi isso o que o snr. Fontes operou na pessoa do snr. Barjona, *member contaminatus*.

Por isso nós, que não nos sentimos avas-
salados pela rabia da política, nós tomamos a
liberdade de applaudir ás mãos ambas, a he-
roica resolução do governo. Fez elle muito bem.
O que é pôdre, deita-se fóra!

«Mas ahi é que bate o ponto!—observa-nos
alguem.—É que o pôdre foi ainda aproveitado
e bem aproveitado. Mandaram-n'o para um
alto cargo no tribunal de contas.»

E para onde haviam de o mandar?—O
membro d'um gabinete, por deteriorado que
esteja, não é ahi para se confundir com qual-
quer membro de junta de parochia.

Ao tal de que se tracta deu-se-lhe destino,
conforme a sua cathegoria; mandou-se para
o grande jazigo do tribunal de contas, com
a verba de 1:600\$000 reis annuaes para a
aguardente em que deverá estar de conserva.
Achamos justo e prudente. Ha casos em que
todas as cautelas são poucas.

E é por esta resolução, a que não pôde ser
estranho o conselho de saude publica do reino,

que se accusa o snr. presidente do conselho de ministros, de torpe, de immoral, de debochado, e o seu ministerio de pilho—e de pulha!

Ó cegueira das paixões mundanas! ó allucinação de espiritos lucidos! ó desvairamento de cerebros pyramidaes! ó homens!—como a politica vos faz injustos e contradictorios!

Ah! sim! vós querieis que o governo acompanhasse o snr. Barjona; que não permanecesse no seu posto um só dos actuaes ministros da corôa, porque todos estão contaminados!

Mas sêde razoaveis, snrs.! pensai no destino que lhes darieis!

Um ministro, mesmo contaminado, não é ahi nenhum animal que se deite á margem. A vossa impaciencia desvaira-vos!—Deixai primeiro vagar mais logares no tribunal de contas—e depois fallai! Bem vêdes que ss. exc.^{as} não hão de ficar na rua, á chuva, sem abrigo, a palitar os dentes! Considerai bem isto.

Não vos precipiteis!

AS QUESTÕES D'HONRA.

M a pouco inseriam os jornaes que umduello, por amor de certa dama do theatro, estava imminente e que, *d'esta vez*, deveria ter um desfecho fatal, attenta a bravura e arreganho dos combatentes, que, diga-se de passagem, não sabiam pegar n'uma espada nem apontar uma pistola. Mas esta ultima circumstancia não faria senão augmentar o interesse e as peripecias do combate, caso a pistola fosse a arma escolhida, porque, se os adversarios ficassem incolumes, lá estavam os padrinhos a distancia para aproveitarem as cargas.

Comtudo o duello não se effectuou.

Estava escripto que seria mais um—de menos.

Em vez de sangue generoso correu tinta d'escrever sobre uma folha de papel almasso, em que as testemunhas exararam coisas muito honrosas para a honra dos belligerantes.

Com magoa da galeria os golpes de montante foram substituidos por golpes de penna.

De longe a longe a opinião publica de alguns burguezes sorumbaticos é sacudida por um acontecimento imprevisto, quasi novo, completamente deslocado dos nossos costumes e inteiramente alheio ao bom senso, á sã razão, em perfeito divorcio com os mais rudimentares principios da equidade,—um duello.

Não cançaremos o leitor com os sedicões motivos que nos levam a encarar do modo que fica exposto o acto de dois individuos, collocados frente a frente, este offendido e aquelle offensor, procurando furar o peito do contrario com um florete, rachar-lhe o craneo com um sabre ou atravessar-lhe o ventre com um zagalote.

Não. Isso, alem de estafado como as ronceiras molas d'um velho drama do *Archivo*, não é comnosco.

O duello em Portugal não tem nada de commum com os duellos que vemos descriptos a miudo nas folhas estrangeiras, entre jornalistas e diplomatas.

Alguem, que o quizesse moralisar entre nós, perderia o seu tempo e dar-nos-hia o espectaculo grotesco do sujeito que, no meio d'uma platea, denunciasse para o palco, ao pai exasperado, o esconderijo do seductor de sua filha, occulto por umas cortinas transparentes, e com os pés á vista.

O duello entre nós é sempre divertido, sempre comico, sempre carnavalesco,— até ao momento d'um tragico desenlace, do que não ha grande medo.

A noticia de um proximo encontro no *campo da honra*, um campo de trêvo ou de feno,— a qualidade do pasto pouco influe — é geralmente recebida com alegre sombra, com ditos cheios de malicia, com gracejos que não matam mas que animam a estafada conversa dos betequins e alimentam a roaz maledicencia dos *palheiros*.

E no dia seguinte ao do combate, affirma-se:

—que o duello foi ao espadão... a seis metros de distancia ;

—que ambos os combatentes foram recolhidos ao hospital, com uma forte colica;

—que a bala d'uma das pistolas matou um gaio—e como o duello fosse ao primeiro sangue, os padrinhos declararam a honra satisfeita;

e ainda outras pilherias de occasião, a que o successo se presta mais ou menos.

Comtudo entre os galhofeiros, entre os desfructadores, em todo o duello (fallamos do duello em Portugal) ha dois individuos que não fazem galhofa, que não desfructam; são

os combatentes, postados em face um do outro, mesmo sabendo que os sabres estão embotados, mesmo vendo que as pistolas não teem fulminantes.

Mas os homens teem razão.

Já nos diziam em pequeno que o diabo tinha descarregado uma tranca...

. . .

De ordinario, em Portugal, de vinte desafios não resulta meio duello.

Os padrinhos, dotados de um grande tino prudencial e cheios de uma perspicaç diplomacia, tendo pezado na balança das suas consciencias os motivos do conflicto, e prevenido os resultados, e acceitando as explicações dadas, e... tal etc., chegam á conclusão que transmittem ao papel, que a transmittem aos gladiadores, que a fazem transmittir aos jornaes, que a transmittem aos assignantes,—de que «tudo é pelo melhor no melhor dos mundos», ou,

Axioma:

— que em toda a questão de honra só se bate quem quer.

São uns duellos inoffensivos, estes. Como lhes chamaremos ?

. . .

Na secção noticiosa dos jornaes ha uma formula sabida e usada como titulo da noticia d'algum caso em que se conjurou um perigo, que só existiu na cabeça do chronista cu do seu informador.

Antes assim—é a historia d'um trolha que esteve para cahir d'um 3.º andar — mas que não cahiu.

Antes assim—é o caso d'um mancebo que tentou suicidar-se com phosphoros e que, para chegar a um tal extremo, só lhe faltou engolir essa droga.

Antes assim—é a noticia d'um atropellamento que podia ter-se dado, mas que não se deu.

Ora esta epigraphe, commum a todos os acontecimentos que podiam ter-se dado, mas que não se deram, porque não se estenderá tambem aos duellos, que não se deram... mas que podiam ter-se dado?...

Fallemos do duello—*antes assim!*

Um caso:

O folhetinista Nepomoceno, do jornal a *Fanfarrá*, doidamente apaixonado pela actriz Arthemisia, da opera-buffa-portugueza, lê uma petulantissima critica theatral do folhetinista Nicodemos, do periodico a *Palinodia*, na qual critica o qual folhetinista ousa o seguinte: não gostar de uma *fifa*, que a dita Malibrán soltou em tal passagem lyrica de certa composição musica.

Nepomoceno, furioso como o antigo Jupiter desacatado por um desprezível mortal, vai para o seu orgão e despede sobre o collega os mais fulminantes raios da sua colera olympica. Tudo treme!—D'elles extractamos as seguintes faiscas:

«Os leitores conhecem Nicodemos, o critico da *Palinodia*? Não conhecem, porque não lhes merece reparo o pygmeu, o insignificante que os acotovella na rua e para quem teriam apenas um olhar de despreso.

»Pois o despreso para Nicodemos seria uma honra. Nós vamos apresentar-lh'o pendurado pelas orelhas.

.....

»Uma das pretenções de Nicodemos é descobrir *fifias* nos cantores. Deu-lhe para ahi depois que deixou de descobrir pontas de cigarros nos passeios. Ultimamente, segundo declaração impressa do homunculo, descobriu uma (*fifia*) em tal passagem musica de tal composição lyrica. Deu-a a formosa actriz Artemisia, a cujo talento o publico tem feito o mais justificado acolhimento, proclamando-a distincta nas suas ovações enthusiasticas.

»O pedante ouviu a *fifia*, que ninguem mais ouviu, e sahiu immediatamente esfregando as mãos, porque a sua missão estava cumprida; já tinha com que dar pasto aos seus miseraveis instinctos, á sua indole perversa. Nicodemos reputava-se feliz!

.....

»Prevenimos christãmente Nicodemos de que não torne a ter a veleidade de procurar mais *fifias* onde encontrou a sua ultima, porque póde muito bem ser que em vez de *fifia* encontre a biqueira d'uma bota.

Nepomoceno.»

Nicodemos replicou na *Palinodia*:

«Já cá o esperavamos a elle, ao cavalleiro da Triste Figura, ao defensor da Arte com A

maiusculo, para não dizermos, talvez com mais acerto, ao vingador da artista com *a* minusculo.

.....

»Uma *fifia*! Pois é lá crível que dê uma *fifia* a dama de olhos mais negros, de corpo mais airoso, de gestos mais ladinos, de coração mais *dado*, que se tem visto pisar a scena portugueza? — Não, Nepomoceno! e desde já declaramos que, se tal descobrimos, foi porque na occasião não olhavamos para ella, não estavamos n'ella... como tu, ó sublime papalvo!

.....

»Nepomoceno recommenda-nos que não procuremos mais *fifias* onde achamos a ultima, porque, em vez de *fifia*, talvez lhe encontremos o pé.

»Isso não nos demoverá do nosso proposito. Para o tal pé já nós encommendamos ferradura.

Nicodemos.»

Na mesma noite os dois criticos esbarra-ram-se no corredor do theatro, onde Arthemisia fazia ouvir a sua deliciosa voz, segundo Nepomoceno, ou as suas *fifias*, conforme Nicodemos, e trocaram duas fortes bengaladas e quatro vigorosos insultos.

No dia seguinte, em casa de Nepomoceno, apparecem dois amigos de Nicodemos cheios d'uma solemnidade mortuaria, os quaes se encontram mais tarde com dois amigos d'este ultimo na casa d'um dos primeiros.

Tracta-se d'um duello.

Ambos os contendores exigem uma explicação cathgorica, e nenhum quer dal-a ao adversario.

Dois dias depois os jornaes inserem o seguinte curioso documento :

«Aos tantos de tal mez, estando constituidos em tribunal de honra os abaixo assignados João e José por parte do exc.^{mo} snr. Nicodemos, Antonio e Antunes por parte do exc.^{mo} snr. Nepomoceno, julgam em sua consciencia que os motivos, que originaram a pendencia que os reuniu, ouvidas explicações de parte a parte, não são d'aquelles que exigem uma reparação pelas armas ; antes,

»Considerando que as expressões proferidas e usadas nos respectivos folhetins não podiam ser filhas senão da exaltação de momento, taes como *fifias*, biqueira de bota, papalvo e ferradura ;

»Considerando que no calor da polemica podiam ter escapado phrazes, cuja intenção não era melindrar a honra e dignidade dos

seus constituintes, as quaes cada um d'elles reconhece no seu adversario ;

»Attendendo mais que, nas bengaladas que se trocaram, não havia a minima ideia de offensa pessoal, pois foram consequencia d'um movimento mechanico do braço ;

»Etc., etc.,

»Resolveram os abaixo assignados dar esta pendencia por terminada, convictos de que, se a gravidade do caso o exigisse, tanto o ill.^{mo} e exc.^{mo} snr. Nicodemos como o ill.^{mo} e exc.^{mo} snr. Nepomoceno teriam corrido ao campo da honra para salvaguardar os seus brios.

»João.—José.

»Antonio.—Antunes.»

Pois snrs.! *Antes assim!* . . .

. . .

Uma outra especie de duellos é o duello *por um tris*, expressão igualmente empregada pelo noticiario em substituição ao *antes assim*, quando o trolha a quem nos referimos, tendo deixado cahir um tamanco, esteve para vir atraz d'elle pelo ar; quando o mancebo em via de suicidio com phosphoros ainda chegou a mas-

car dois palitos; quando a criança que podia ter sido atropellada pelos cavallos d'um trem, deixou cahir o bonet na fuga, sendo o bonet atropellado em vez d'ella. *Por um tris!*

Vejamos:

Nepomoceno é jornalista politico. Membro da maioria, ataca a opposição; quer dizer — acha soberbo, optimo, superfino, tudo o que dimana do governo; considera mau, pessimo, detestavel, tudo o que procede dos seus adversarios.

Nicodemos é tambem politico e jornalista; mas procede justamente em sentido diametralmente opposto; quer dizer—acha mau, pessimo, detestavel, tudo o que dimana do governo; considera soberbo, optimo, superfino, tudo o que procede da opposição.

Systemas!

Um dia Nicodemos e Nepomoceno vieram ás mãos. E como este era pevidoso e aquelle era calvo, aproveitando-se habilmente d'estas circumstancias aggravantes para o seu caso, disseram as ultimas.

Nepomoceno chegou mesmo a affirmar que a calvicie de Nicodemos se lhe estendia muito além da nuca, pois que tinha a calvicie da moralidade, do patriotismo, da honra. E de tudo isto é que elle era inteiramente calvo.

Pela sua parte, Nicodemos achou que o pevidoso Nepomoceno era indigno de apertar a mão a quem quer que se presasse;—que, mais pevidosa do que a lingua, tinha elle a consciencia, que não conseguira nunca segredar-lhe esta phrase tão simples—*tu és um homem de bem.*

Finalmente, das aggressões vagas passaram aos factos da vida publica, atraz d'estes veio o que *era sabido e notorio*, em seguida appareceram as allusões infamantes, e depois... a provocação, as testemunhas, o duello.

D'esta vez a effusão de sangue era inevitavel.

Nepomoceno e Nicodemos pareciam fullos.

Ambos estavam renitentes, clamavam por vingança.

Era impossivel qualquer terminação amigavel.

Depois de 48 horas de marchas e contra-marchas, os padrinhos tractaram das condições do combate.

— A' pistola, a 30 passos, ao romper do dia seguinte.

O chefe de policia, prevenido do caso pelos rumores que vagavam, tinha soltado em vão os seus rafeiros mais industriados.

Não transpirava coisa alguma.

— Bem, — pensou elle ; — terminou a pendencia como terminam todas. *Antes assim!*

Quanto se enganava o digno chefe!

E como elle devia ficar surprehendido ao receber pela noite estas duas cartas! —

«Exc.^{mo} snr. chefe de policia.

»Levo ao conhecimento de v. exc.^a que se batem ámanhã á pistola, na alameda de tal, o jornalista Nicodemos com o jornalista Nepomoceno. Cumpre que v. exc.^a evite um crime.

*.»

«Exc.^{mo} snr. chefe de policia.

»A'manhã deve ter logar um duello ao romper d'alva, entre o jornalista Nepomoceno e o jornalista Nicodemos. Batem-se á pistola. O encontro é na alameda de tal. Pedem-se providencias.

* *.»

Apesar de desfigurada, a lettra das duas prevenções estou certo de que seria facilmente

reconhecida nas redacções da *Fanfarra* e da *Palinodia*.

Coincidencias!

Na madrugada seguinte, á hora a que as patrulhas recolhem e os candieiros se apagam, dois coupés, com intervallos de dez minutos, transpunham uma das barreiras da cidade, levando os combatentes, os padrinhos e o medico em direcção á alameda de tal.

Chegaram, apearam-se e dirigiram-se para uma clareira. Ali os padrinhos conferenciaram. Os dois adversarios passeavam nas extremidades da alameda, um tanto agitados, interrogando com a vista a estrada que se desenhava ao longe.

Um dos presentes abriu um estojo e tirou de dentro um par de pistolas, que passou de mão em mão. Em seguida foram carregadas e procedeu-se á escolha e medição do terreno.

Ao passo que estes preparativos se adiantavam, mais os combatentes enfiavam e com mais insistencia prescrutavam o horisonte.

Despiram as casacas...

Collocaram-se em frente um do outro...

Receberam as pistolas, escorvadas e promptas...

E aguardaram o signal convencionado...

Era de mais! O caso estava serio.

— A policia ! — gritou de repente Nicodemos, arremessando com a arma e indicando um vulto indefinido, lá muito ao longe, que tanto podia ser uma arvore, como um burro, como um grupo de homens.—Ahi vem a policia !

Todos olharam para o ponto indicado, e apesar de não enxergarem coisa, que lembrasse um guarda civil ou ainda outro guarda qualquer, exclamaram :

—Que faremos ?! Como ha de ser ?...

A policia chegou effectivamente, mas uns vinte minutos depois, e por onde menos se esperava. Com certeza não tinha sido ella que Nicodemus lobrigára no horisonte.

Sómente, em vez de encontrar os dois adversarios enviando-se a morte em duas onças de chumbo, na presença do doutor e dos padrinhos, ella veio surprehendel-os a todos— a jogarem o *fito*, de casaca!

A acta do duello concluia assim :

«E considerando mais que, se o desaggravo pelas armas, no campo da honra, não chegou a realisar-se *inteiramente* foi pela subita intervenção da policia no momento em que os briosos contendores aguardavam o signal convencional para ultimarem esta pendencia ; os abaixo assignados declaram que os seus

constituintes se houveram com toda a nobreza e denôdo, como era de esperar dos seus caracteres, por o que desde já os consideram desobrigados de voltarem ao campo, dando por terminada esta pendencia, cujo remate não podia ser mais honroso para todos.

»João.—José.

»Antonio.—Antunes».

Ao retirarem-se os combatentes, o medico e os padrinhos, depois de terem jogado... o *fito*, diziam uns para os outros com uma seriedade comica de muito merecimento artistico :

—Foi melhor assim. Esteve *por um tris!*

∴

Segue-se naturalmente a este, o duello *podia ser fatal*.

Effectivamente, *podia ter sido fatal* o caso do trolha cahindo atraz do tamanco, que lhe viera parar á rua, se não tivesse encontrado um monte de palha sobre o passeio, onde foi bater com os ossos.

Podia ter sido fatal a tentativa de suicidio

do mancebo, a quem nos referimos nas especies atrazadas, se, tendo engolido trinta cabeças de phosphoros com os respectivos pavios, não tivesse vomitado immediatamente uma e outra coisa.

Podia ter sido fatal o successo da criança, que deixou sob as patas dos cavallos d'um trem o seu bonet, se, tendo ido cahir logo adiante, a cocheiro não soffreasse os animaes, evitando o atropellamento.

O duello que temos em perspectiva tambem *poderá ser fatal*, se, como no desastre do tro-lha, não se metter de permeio algum mólho de palha.

D'esta vez Nepomoceno e Nicodemos não se insultam pela imprensa; isso é hoje tão vulgar, que, na verdade, pouco reparo merece já.

O successo é mais grave.

Um e outro sujeitos, além de publicistas, são deputados.

Por isso uma questão encetada nas respectivas gazetas, a *Fanfarrá* e a *Palinodia*, passa para a nossa camara dos *communs*.

Nicodemos, tendo pedido a palavra sobre a ordem, faz uma asserção, que vai, como um zagalote, cravar-se no amor proprio de Nepomoceno.

Nepomoceno pede também a palavra e responde na mesma afinação.

Nicodemos declama.

Nepomoceno argumenta.

Nicodemos replica.

Nepomoceno retruca...

(E n'este ponto já os dois politicos não se dão ao incommodo de pedir a palavra.)

O presidente chama á ordem.

Nicodemos argúe.

Nepomoceno protesta.

Nicodemos invectiva.

Nepomoceno insulta.

Nicodemos diz-lhe que—*lá fóra!*

Os snrs. deputados, em desordem, bracejando, gritam:—Ordem, snr. presidente! ordem!

O snr. presidente (agitando a campainha desordenadamente)—Ordem, snrs. deputados! ordem!

E como sempre, tudo grita *ordem!* na maior desordem. O snr. presidente levanta a sessão e os snrs. deputados põem os chapéus na cabeça.

Nepomoceno envia os seus padrinhos a Nicodemos.

D'esta vez o duello será inevitavel. Se a policia os surpreender hoje, ficará para amanhã, ficará para depois.

Reclama-o : primeiro, o brio dos contendores; segundo, o nome dos seus partidos, que os empurram um para o outro; terceiro, o medo ao ridiculo, essa potente mola, que atrai para o caminho da honra muitos pundonores adormecidos; essa pilha invisivel, que tem galvanizado muitas consciencias mortas para o dever.

Apenas raiava o dia aprasado e em logar identico ao escolhido para o duello *por um tris*, acharam-se os dois deputados, as testemunhas e o doutor.

A arma escolhida foi o sabre, modificado pelos padrinhos, de accordo com os combatentes. N'estas modificações entrára, em grau elevado, a prudencia e o bom senso de todos.

Chegado o momento terrivel, foram entregues as armas aos combatentes com os preliminares sabidos.

O bom senso e a prudencia mandára que se tirasse o bico aos sabres, que se lhes tirasse igualmente o fio, que se tirasse em condição não se atirar á cabeça;—por pouco tiram os sabres das mãos dos combatentes, e mandam depois principiar o combate.

Ao signal convencionado os duellistas principiam a jogar o pau com os sabres, como dois coristas do theatro italiano.

Ao fim de tres minutos estavam cançados. Os padrinhos intervieram e foi ordenado um intervallo de cinco minutos.

Recomeçou a lucta.

De subito os contendores despediram um grito unisono e largaram os instrumentos.

Estavam feridos: Nicodemos na cara, Nepomoceno n'um dedo.

Se lhes perguntassem como tinha sido aquillo, não o poderiam dizer.

Acudiram os padrinhos, e veio o facultativo, que procedeu á applicação dos competentes aparelhos. Ao dedo ferido de um, applicou-lhe uma dedeira de pellica, á face arranhada do outro mandou ao paciente que lhe pozesse cuspe.

Em seguida os dous adversarios apertaram-se as mãos, e voltaram para os seus respectivos centros, onde foram abraçados expansivamente como dois heroes.

A acta dos acontecimentos, publicada nas gazetas do dia seguinte, era um documento, com o qual Magriço se sentiria orgulhoso.

Ella rematava por estas memoraveis palavras:

«... E regosijamo-nos infinitamente porque, a par d'uma inexcedivel coragem, do fogo com que, de parte a parte foi sustentado o

combate, apenas temos de assignalar leves ferimentos, resultantes d'um duello, que *podia ter sido fatal*.

»*João.—José.*

»*Antonio.—Antunes.*»

. . .

Se podia!

A historia d'estes ultimos cincoenta annos aponta dois ou tres duellos, cujas consequencias foram verdadeiramente luctuosas, mas nós não nos occupamos aqui das excepções.

. . .

Concluamos :

Sustentam graves publicistas, hirsutos philosophos, auctorisados theologos, e mais que toda essa phalange respeitavel de illustres declamadores, affirma-o o senso commum, que o duello é e será um attentado violento contra a justiça, contra a razão, contra a consciencia, emquanto a consciencia, a razão, a justiça não tiverem um braço experimentado no jogo das

armas, vigoroso, infallível, que possa sustentar os seus direitos a inevitáveis golpes de sabre ou a tiros certos de pistola.

Mas em Portugal, como já foi dito, o duello, tendo perdido todas as esperanças de ser offensivo da justiça, da razão, e da consciencia, contenta-se em ser tolo e caricato.

Nem póde deixar de ser assim.

Pois n'um paiz onde o jogo das armas é ignorado pela quasi totalidade dos seus habitantes ;

N'um paiz onde, em vinte desafios, ha apenas um combatente, que saiba de que modo se pega n'uma espada ou com que olho se faz uma pontaria ;

N'um paiz onde, ainda hoje, mesmo em collegios de primeira ordem, a educação phisica dos alumnos, a gymnastica, a esgrima, é considerada um *luxo* ;

N'um paiz onde, finalmente, não ha salas d'armas, e os professores, meros curiosos, para não morrerem á fome accumulam ás de mestre de armas as funcções de mestres de dança ; — como querem n'um paiz assim, admittindo já o falso principio em que assenta o duello, que esses encontros deixem de ser meros *bamburrios* ?

Por isso no duello chamado a valer, no

duello *podia ser fatal*, os mais animosos exigem que se lhes tire o bico aos sabres ; e com toda a razão !

Mas não se diga que, reprovando este meio convencional de desaggravo, não offerecemos solução, para o caso de qualquer pendencia de honra. Eil-a, a solução, assente nos mesmos principios de justiça em que se bazea o duello :

Como é o Acaso o juiz que preside a todas as questões d'esta natureza, propomos que se substitua o jogo das armas, que pouca gente conhece ahi, por outro qualquer jogo, o do *monte*, que ninguem ignora em Portugal.

Assim, que a baze para um novo codigo de honra, o qual deverá ser immediatamente confeccionado, seja o seguinte :

«Art. unico.—Em toda a questão de honra as armas cortantes, explosivas ou perfurantes, de que se tem usado até hoje, para a solução de qualquer pendencia, sejam substituidas por um baralho de cartas devidamente carimbado, e que a esgrima ceda o lugar aos *saltos*.

» § unico.—Que os padrinhos regulem as condições do combate, que terminará de modo a *ficar a honra satisfeita*. »

Ao menos este processo, além de incruen-

to e de menos ridiculo, ageita-se perfeitamente á indole do nosso povo e até dos nossos diplomatas.

Oh ! a batota !...

MINISTERIOS SIAMEZES.

Um dos factos mais debatidos e commentados do mez findo foi a expulsão do snr. Fernandes de los Rios d'este novo presidio de Hespanha, para onde o governo de D. Affonso o tinha mandado desterrar. A expulsão foi feita em nome do governo portuguez—por méra formalidade e simples arremedo de velhos usos estabelecidos no tempo em que eramos uma nação para todos os effeitos.

Não nos occuparemos da questão, que pertence ao numero d'aquellas que se commentam em duas palavras, ou se tractam em estirados artigos; vimos apenas registrar uma phrase, attento o seu alcance politico.

Um jornal, que recebe immediatas inspirações do silenico ventre do nobre ministro do reino, dizia em polemica accesa com um jor-

nal de opposição, que—para o governo portuguez bastava que a permanencia de qualquer deportado incommodasse o snr. Cánovas, presidente do conselho de ministros d'el-rei Afonso, para que esse deportado *nos* incommodasse a *nós* tambem.

... A *nós*, governo portuguez,—entenda-se.

D'onde concluimos que reina entre os dois governos da península a mais inteira concordancia de idéas, a mais completa homogeneidade de sentimentos. É admiravel!

Por isso ha tempo que nós assistimos ao mais curioso espectáculo, que nossos olhos teem presenceado.

Exemplo: O snr. Cánovas dá um espirro na sua cadeira de presidente de ministros, em Madrid; immediatamente o snr. Fontes leva o lenço ao nariz e assoa-se, em Lisboa.

Em Madrid o snr. ministro do reino sente o terreno pouco firme debaixo dos pés, e immediatamente o snr. Sampaio, em Lisboa, desliza n'um atoleiro e fica por fóra como já estava por dentro.

Depois, o digno ministro da fazenda resolve atenuar a cifra da divida publica—em Hespanha, e immediatamente o snr. Serpa leva as mãos ás algibeiras—em Portugal.

Etc.

Organizações sympathicas, as dos dois ministerios da peninsula que se presentem, que se adivinham e completam! Quem sabe mesmo se teremos aqui a repetição do estranho phenomeno dos irmãos siamezes, cujas *ligações*, no caso sujeito, passem desapercibidas a olho desarmado?—Quem nos diz mesmo que assistiremos a um novo caso como o do *Nariz d'um tabellião*, o qual nariz, tendo sido extrahido da polpa do braço d'um bêbado brigão e enxertado no rosto d'um notario desnarigado, accusava pela sua côr, pelas suas convulsões, pelas suas dôres, os desmandos, as bebedeiras e as rixas a que se entregava o seu antigo proprietario? — Quem nos affiança que não houve troca de protestos e de fêbras entre os dois ministerios, e que em virtude d'essa troca é que um hespanhol deportado para Portugal, incommodando o snr. Cánovas em Madrid, vem bolir com a autonomia do snr. Fontes—em Lisboa?

Rogamos aos homens da sciencia e nomeadamente aos snrs. Monteiro Maximo e Cunha Belem, ambos deputados e cirurgiões do exercito, que estudem este phenomeno politico-physiologico, a que não é estranho talvez o magnetismo animal.

O DUQUE DE SALDANHA.

Falleceu em Londres o snr. duque de Saldanha, marechal do exercito e actual embaixador de Portugal junto de S. M. a rainha Victoria de Inglaterra, e imperatriz das Indias.

A noticia da morte do marechal foi communicada pela gazeta aos portuguezes com a dôr postica dos necrologios e a lagrima ausente das pranteadeiras, e deu logar a que ella enchesse muitas columnas esguias, não com a narração circumstanciada dos seus heroicos feitos, mas com anedotas improvisadas, phrazes chochas ou ditos assoprados, que teem o merito de emprestar aos grandes vultos da historia as insignificantes proporções d'um pigmeu enfatuado ou os ares ridiculos d'um Ferrabraz d'Alexandria.

É assim que hoje a gazeta faz a historia entre nós, processo simples, facil, divertido, que dispensa sérias investigações, inventado pelos amigos de boas pêtas, e que dá margem a que a imprensa se occupe mais d'um bohemio original, d'um calembourista afamado, ou d'um idiota com repentes lúcidos do que d'um grande genio, a quem a humanidade ou a pa-

tria deva um dos seus mais sublimes inventos ou uma das suas mais bellas instituições.

Entretanto n'esta hora solemne, que pensarão os nossos concidadãos, que juizo fará a opinião publica do homem por tantas razões notavel, cuja morte a gazeta célebra . . . com a narrativa de quatro anedotas?

Preparamo-nos para sahir, e sahimos, em procura da mencionada opinião.

Encontramol-a, não ha duvida que a encontramos por toda a parte, na praça, no café, na assembléa, no quartel, na loja de tabacos, occupando-se um pouco da causa das nossas investigações, mas tão varia, que, ao ouvirmol-a, mais parecia occupar-se de individuos diversos, que nada tinham de commum entre si.

Eis o que pudemos averiguar que pensava a opinião publica a respeito do marechal duque de Saldanha, oito horas depois de sabida a noticia do seu fallecimento:

O militar de patente superior— Um dos primeiros generaes d'este seculo.

O financeiro—O homem que tem ficado mais caro ao paiz.

O homem politico—O terror dos ministerios.

O democrata — O unico homem capaz de derrubar o snr. Fontes — e a monarchia.

O catholico — O liberal mais papista que tinha Portugal.

O veterano das campanhas da liberdade — O nosso pae.

O soldado — O amigo da rapaziada.

O homœopatha — Um crente.

O miguelista — O chefe dos malhados, Deus lhe perdôe.

O povinho — O que fez a saldanhada.

Um accionista do caminho de ferro Larmanjat —

Isto exprimem os contemporaneos ao occuparem-se muito ao de leve, quasi passageiramente, do sympathico vulto, que se escondeu ha poucos dias na impenetravel noite dos tumulos.

Resta saber como se exprimirá a posteridade

O MENDIGO SNR. BABJONA.

Algumas folhas diarias, sob cuja égide protectora se aninha o governo, que, pela sua parte, tambem as aninha sob a sua égide protecto-

ra,—uma mão lava a outra . . . diz o dictado—
defendendo dos ataques da opposição o go-
verno despachante do snr. ministro das justiças
para o tribunal de contas, tem sustentado :

Que o acto do despacho foi moralissimo,

Que o snr. Barjona é o primeiro juriskon-
sulto do paiz,

Que o seu logar era já de ha mais tempo
no tribunal mencionado.

Que ha muito a esperar da sciencia, da in-
telligencia, da consciencia, da indolencia . . .
etc., do nobre ex-ministro.

Prégavam assim os jornaes affectos ás pes-
soas e bens do actual governo, quando uma
folha, que se imprime só por occasião da par-
tida dos paquetes, a *Correspondencia de Portu-
gal*, propriedade do amigo Philippe e redacção
do amigo Serpa, sahe com a seguinte coarcta-
da, que os deixou sem forças para proseguirem
na estudada ladainha : — que o amigo Barjona
deixou a pasta das justiças, e tomou assento
no tribunal de contas por varias razões.

1.ª «Porque o snr. Barjona tem a sua saude
arruinada.»

Esta consideração parece que deveria ter
determinado o governo a mandar o collega para
o hospital; no entanto elle preferiu transfor-
mar o tribunal de contas em enfermaria, e

despachou-o para lá. Altas razões d'Estado, que não podemos perscrutar.

2.^a «Porque ha muito que os medicos lhe aconselham pouca assiduidade no trabalho.»

Por aqui já nós vemos o que o tribunal tem a esperar da sciencia, da intelligencia, da frequencia do snr. Barjona:—simplesmente indolencia. Elle foi despachado para um cargo publico, bem retribuido, por conselho dos medicos,—como quem receita ares do campo ou banhos de caldas.

3.^a Porque «s. exc.^a é pobrissimo . . .»

Esta razão, além de colher, faz jus a uma lagrima, que não regatearemos . . .

Ora se o snr. Barjona era pobrissimo, elle, que na sua qualidade de lente tinha 800\$000 reis annuaes, á parte a sua rendosa banca de advogado, nada mais natural, nada mais justo do que assegurar-se-lhe os regalos da existencia á custa dos cofres do Estado!

Dadas estas ponderosas razões justificativas do despacho do snr. Barjona para vogal do tribunal de contas, a *Correspondencia* exclama :

«E não obstante isto, diz a opposição, que o despacho do snr. Barjona fôra uma immoralidade!»

Não! não foi, com a bréca! Pois se s. exc.^a

tem a saúde arruinada, se os médicos lhe aconselham pouca assiduidade no trabalho, e se não tem de rendimento nem duas libras por dia, se «está pobríssimo» na phrase do jornal do snr. ministro da fazenda, é de toda a justiça, é de toda a moralidade, que a patria, que o Estado, que o thesouro o tire da miseria, que o alimento, o vista, o calce, que lhe pague os charutos e a barba, que lhe satisfaça as dividas e arbitre dinheiro para o bolso, que, finalmente, lhe dê uma pensão que não poderá ser menos de 1:600\$000 reis annuaes.

Admittindo porém a explicação da *Correspondencia de Portugal* para o despacho do snr. ministro das justiçaes como vogal do tribunal de contas, admittindo que se lhe deu esse logar por ser doente e pobre, occorre-nos a seguinte observação:—de que, em boa justiça, o governo deveria ter começado a sua escolha pelos asylos de mendicidade. Ao menos temos a certeza de que encontraria ahi homens mais habilitados do que o snr. Barjona, não só como pobres mas tambem como doentes, para conselheiros do referido tribunal.

Nós bem sabemos que nem tudo lembra, mas que o snr. Fontes Pereira de Mello escreva na sua carteira, ao lado da seguinte nota do snr. ministro da fazenda:

«Reempregar na fiscalisação das alfandegas os individuos demittidos por ladrões»; — esta outra nota :

«Despachar para vogaes do tribunal de contas os entrevados de ambos os sexos.»

Ao menos terá os applausos da *Correspondencia de Portugal*, do snr. Serpa, e os do compadre Tavares.

UMA EXPOSIÇÃO DE AVES.

Realisou-se n'este mez, no Palacio de cristal, uma exposição de gallinhas, pombas, frangos, patos, etc., a qual chamou ali muitos curiosos, amadores não só dos bipedes emplumados, as aves, mas tambem d'esses outros bipedes não menos emplumados, as mulheres.

A exposição era uma tentativa, e como tal pareceu-nos digna de ser animada com duas palavras — n'um communicado do *Commercio do Porto*.

Para nós, sem a minima lisonja, aquelle vasto salão cheio de gaiolas e capoeiras com aves, em que o espectador se esforçava por achar alguma coisa notavel para explicar a presença d'ellas — e d'elle n'esse recinto,

lembrava-nos o mercado do Bolhão á terça feira.

De tempo a tempo a voz estridente d'um gallo, o cacarejar afflicto d'uma gallinha ou o berro desentoadado d'um pato, cortando esse rumor vago, extenso das grandes agglomerações, mixto de vozes e de passos casado com o rugeruge dos vestidos de seda e o sussurro das saias engommadas, produzia um effeito estranho.

Entretanto os visitantes agglomeravam-se deante das capoeiras, liam o nome do expositor, diziam o nome do animal exposto, metiam-lhe os dedos pelas grades da gaiola—e elle, encarando-os com a maxima indifferença, permitiam-se ás vezes movimentos e actos do mais soberano desprezo — pela opinião publica.

—O que pensarão estes animaes de tudo isto?!—exclamamos nós para o amigo que nos obsequiára com o seu braço, um moço intelligente e estudioso, nosso condiscipulo nos bancos da Academia, e que se entregava ás mais originaes investigações.

—Eu te digo. Se a dissimulação ainda não chegou aos passaros, facilmente poderás saber o que pensam, por o que se dizem entre si.

— Como ? !

— Surpenhendendo-os nas suas conversas

intimas. Tenho-me entregado a um estudo especial sobre o modo por que as aves se fazem comprehender, e julgo ter conseguido resultado lisonjeiro para as minhas investigações. Depois te explicarei as bases em que assenta o meu systema. Perguntaste-me o que pensariam estes animaes de tudo isto. Vou dizer-t'o.

§

Um pato (bico amarello, grosso e rombo, cabeça pequena, olhar estúpido, de quem anda constipado; á sua companheira) — Safa! que aborrecimento! quando acabarão estes basbaques de nos observar?... Parece que nunca viram patos na sua vida!

A companheira (relanceando um olhar languido para a galeria; presumida) — Patos talvez tenham visto muitos... mas patas...! (passeia na gaiola com desvanecimento; gritando) — Cué! cué!

O pato (abanando com a cabeça) — Querem vocês vêr que ainda me levas uma tarêa deante de toda esta gente?

A companheira — Tambem era o que faltava! nem que eu tivesse culpa de que o publico sympathisasse tanto commigo!

O pato (com um movimento de azas) — E'

tola, com toda a certeza! Parece que não ha fema que não padeça d'esta molestia.

§

Um frango, só (crista rompente, olho redondo e vivo, bico pequeno e recurvo, papo deitado para fóra, esporões) — Que será feito das minhas odaliscas? Porque não as trouxeram tambem comigo? — E esta gente, que me olha com um sorriso tão insolente, que pretenderá de mim?... Ah! como eu tinha vontade de te debicar n'essa batata grelada, meu velho de cabello pintado! — Kikeriki!... — E a ti, minha menina do signal postico no rosto, quem me deixasse ferrar-te um beijo com o meu pequeno bico de aguia! Bem! lá está aquelle peralvilho a apontar para mim com o seu junco envernizado!... Que diabo entenderá elle dos animaes da minha cathegoria?! (Battendo as azas) — E fecharam-me n'esta gaiola para isto!... — Kikeriki! — Ainda se eu soubesse das minhas pobres odaliscas! Ah! como ellas deverão ter cacarejado a ausencia do seu estremecido sultão!... (Pondo-se em bicos de pés) — Kikeriki!

§

O casal de patos-carolinas, duas formosíssimas aves, banha-se n'uma pequena bacia de zinco, posta ao centro da capoeira; depois o macho sahe da agua, e espanja-se deitando olhares obliquos para o publico. A fêmea continúa bordejando.

Elle — Repara como esta gente olha para nós com sympathia! E' pena que eu não oiça tudo o que se diz.

Ella (virando graciosamente de estibordo) — Apura bem o ouvido... (Elle coça a cabeça com a pata, affastando algumas pennas de cima do orificio auricular.)

Um espectador (embasbacado) — Que lindos! E serão muito caros, estes passaros?

Outro — Se te parece! Cá não ha d'isto.

1.º espectador — Então ainda serão melhores do que perdizes com arroz! Sempre queria provar!

O pato (despeitado) — Já viste o alarve?!

Ella — Que disseram?

Elle — Disseram que nos achavam tão bonitos...

Ella (interrompendo) — E que tem isso?

Elle—... tão lindos, que a sua vontade era comerem-nos com arroz!

Ella (saltando da tina, n'um movimento nervoso)—Ai, que malvado!... ai, que assassino!... Cócó, eu desmaio!

Elle (afflicto)—Por quem és, não faças isso deante de tanta gente! Lembra-te que se vão rir da tua fraqueza!

Ella (cahindo em si; impertigando-se)—Tens razão. (Com soberano desprezo)—Ah! bem se diz que o homem é o animal mais estúpido da criação!

§

Entre duas capoeiras pegadas. N'uma um soberbo gallo inglez de combate; mal encarado; bico revolto e córneo; olhos redondos e sanguineos; crista aspera e direita; pescoço comprido e levantado; pernas altas e grossas; enormes esporões aguçados; porte audacioso; sereno.—Na outra capoeira uma gallinha vulgar, desrabada, olhos piscos, mettendo os pés para dentro e a cabeça pelas grades; typo de bisbilhoteira.

A gallinha (toda pernóstica) — Ora nunca pensei que viesse tanto povo a esta barraca por

nossa causa! A gente sempre deve ser umas aves bem extraordinarias para sermos visitadas por uma cidade inteira! não acha, visinho?

O gallo (quasi sem pestanejar)—Oh! Yes! very ecstrraorrdinarrias!

A gallinha — Até já ouvi dizer que no fim dão medalhas áquellas que forem mais raras! Se assim é, não tenho menos de duas! (Dando uma volta ao gallinheiro, mirando-se toda) —Creio que as mereço. Não acha, visinho?

O gallo (mal humorado) — Yes, oh! yes! vocemecê merrece tuda. (Aparte)—Este fêmina me incómmoda!

A gallinha — Pois snr., quem me déra já trazer as taes medalhas atadas ao pescoço, e cahidas sobre o papo! Apesar de que, talvez antes quizesse uma boa travessa de couves raladas com farellos! P'ra mim não ha como as couves raladas com farellos! Não acha, visinho?

O gallo (zangado)—Oh! calle bico vocemecê! Se está vocemecê em minha gallinheirra, eu ensinar vocemecê falla pouco!

A gallinha (despeitada; modos de quem já esteve na praça do Anjo)—Pois vistes! Não que elle é só mandar calar o bico! Foi tempo, meu homem! Agora o tempo é de liberdade!

Tambem, até o diabo se ria se vinha um scho-king lá dos quintos mangar das portuguezas! ou não fosse eu filha da pinta, meu rico!... se quer mandar, vá mandar no que é seu! Forte morecão! (Casquinando uma gargalhada)—Co-có-có-có!

O gallo (com os seus botões)—Abominable creature!

§

Uma pomba cambalhota (ao companheiro; um pouco assustada)—E esta gente far-nos-ha mal?

O pombo — Ao contrario, são todos muito boas pessoas... Um tanto basbaques, mas no fundo excellentes corações. E a prova é terem accudido em chusma por nosso recreio, simplesmente por nosso recreio!

A pomba—Hom'essa!

O pombo—Na minha verdade! Se vieram até aqui, foi para os vermos desfilar em exposição, sobretudo as mulheres! Essas então não vieram cá por outra coisa. O que ellas querem é mostrar-se. Até, quem devia estar nas capoeiras, eram ellas—e elles!

§

Entre um casal de rolas.

A femea (arrulhando tristemente)—

Ouves ao longe no quebrar de a serra
O som de o bronze que nos causa horror?...

O macho (interrompendo-a) — Cala-te ahi
com essa choradeira! Não ha nada mais mono-
tono! Até os cegos já cantam isso pelas ruas!

A femea — E que tenho eu que o cantem?
(Declamatoria; genero Alberto Pimentel) —
Isto será sempre a expressão de amores que
não voltarão jámais! (Como escutando-se reci-
tar. Enlevada)—

Foi mais um ente que voou de a terra,
Foi mais um vate que morreu de amor!

Um pombo-ramella (á esposa; indicando
com um gesto a gaiola das rolas)—Quem mora
n'esta casa pegada?

A pomba — Ainda não sei, mas parece fa-
milia pouco fixe. Queres ouvir?

O rolo (cantarolando) —

Era no outomno quando a imagem tua
A' luz de a lua...

O pombo-ramella (fazendo um gesto de
compaixão)—Coitados!

§

Uma pomba romana (formosa ave do tamanho d'uma gallinha)—Horribilè, inenarrabilè il supplicio di questa prizione! Pôvera di mè! Per Dio, nó! Silvio Pellico nó ha padechuto tanto in suo carcere oscuro! (Terna como a snr.^a Pascali no *Roméo*)—Colombino, dulchè sposo mio! dittè-mè, noi fugiremo di questo paizè in prima occasionè... n'est-ce pas?

O pombo romano (voz nazal)—Má... carina...

A pomba (supplicante)—Nó?

O pombo — Má... si, com tuto piachére... noi partiremo por la patria... voi avétte razone... noi...

A pomba—Da vèro, Colombino?

O pombo—Da vèro, Colombina.

A pomba—Giura-l'ó?

O pombo—Lo giuro!

A pomba—Parole... d'honneur?

O pombo—Parole d'honneur!

Duetto—(indo ambos ao fundo da gaiola, declamação berrada, como a do snr. Dominici)
— Chièlo, siète noi propicio! La patria! la libertá! (Param ao fundo; abrindo um pouco as azas e correndo ao proscenio... da gaiola, como no grande duetto do *Poliuto*, com enthusiasmo,—vid. *I Puritani*)—

Suo-ni la tromba, in-tré-pido

Io pugnerò da forte.

Bello affrontar la morte

Gri-dan-do—libertà!

§

Um papagaio velho (preso a um cadeado de latão, assovia o hymno brasileiro marcando militarmente o passo no puleiro da gaiola. Suspendendo o hymno; com voz de commando)— Quebra quina, minha gente! (Continúa a marcar passo; risota nos circumstantes).

• • •
Nós e o nosso amigo, interprete dos passaros, demoram-nos ainda por algum tempo no

salão, escogitando os dialogos curiosos de uma arara, de duas cacatuas e de algumas pequeninas aves da America. Depois sahimos para o jardim a sorver a largos haustos o ar purissimo que nos vinha das bandas do mar, e que não podia confundir-se com a serena e morna athmosphera de gallinheiro, que vinhamos de respirar.

NO CONGRESSO HESPANHOL.

Pequeno episodio parlamentar no actual congresso hespanhol, quasi tão prehe de episodios picarescos, como a ultima sessão da nossa camara baixa, tão celebre pelos discursos do snr. Manoel d'Assumpção, e pelo duello do snr. Thomaz Ribeiro.

O snr. Cardenal, conhecido pela sua exaltação nos diversos partidos em que se tem successivamente filiado, respondendo a um discurso do deputado Navarro y Rodrigo, disse com entono :

« N'esta situação se verificou o glorioso, desejado e feliz advento da dynastia legitima de D. Affonso XII. »

N'este lance do seu discurso e no intervallo

da pausa aconselhada pela oratoria parlamentar, correram rumores prolongados nas tribunas.

O *snr. Cardinal* (mudando de côr, fazendo-se successivamente vermelho, roxo e pardo, e esbugalhando os olhos para a galeria)—
Acham que disse algum disparate?

A galeria surprehendida pela apostrophe, encara-se muito espantada, talvez da ingenuidade da pergunta ou da candura do perguntador, e reserva-se a resposta para quando lhe chegar a vez de fallar.—Como é sabido, pelo regulamento em vigor, o povo hespanhol não tem a palavra no congresso, entre os seus zelosos procuradores, senão quando entra por alli dentro com o proposito firme de os sacudir de lá para fóra.

CAMAPHEUS.

II—De Cabrières

De Cabrières é hoje o nosso Camapheu.
Mas quem é de Cabrières?

É um pseudonymo, que por vezes tem apparecido a rubricar artigos de varios assumptos, feitos e tamanhos, alguns mesmo comba-

tendo-se, insultando-se, descompondo-se entre si, o que faz crêr a muita gente que de Cabrières não é o nome d'um individuo, mas de uma collecção d'elles.

Podemos affirmar que de Cabrières, apesar de mais de uma vez o encontrarmos ás cabeçadas a. . . de Cabrières, representa uma só individualidade.

Ainda ninguem soube quem fosse este mysterioso campeão, e todavia a curiosidade é geral, porque, segundo dizem, de Cabrières não é absolutamente tolo.

— Quem será?

Frei Francisco das Chagas ?

O antigo Borda Leça ?

O sr. Tito de Noronha ?

O «maçon ou o terror das raparigas»?

Ninguem o poderá dizer com certeza.

Houve até quem se lembrasse do sr. Mozer, o luso-britânico mais occupado, de quantos palmilham o Porto e seus suburbios, que ás vezes nem tempo tem para dizer mal dos seus amigos!

De Cabrières, o snr. Mozer! *Allons donc!*

. . .

E comtudo basta um dos seus trabalhos, para o architectarmos, para o compormos,

para o offercermos calçado, vestido e barbeado aos nòssos leitores.

Cuvier completou por uma vertebra um bruto antediluviano.

De Cabrières não será mais complicado que esse bruto. O estylo é o homem.

Ultimamente tem-se feito mostrar nas columns do *Jornal do Porto* n'uma phraze baixa, rasteira, vulgar, semeada de plebeismos e de ma fé.

Faz revistas como poderá fazer um par de botas—se não é sapateiro.

Pelo seu ultimo trabalho—uma vertebra—comporemos o homem. Perdoe-se-nos o arrojo. Quem sabe se os elementos de que dispomos, nas mãos d'um naturalista como Cuvier ou Buffon, não dariam em resultado—um outro animal?...

De Cabrières deve ser um homem baixo como o seu estylo, rasteiro como os sentimentos que revela, ordinario como as expressões que emprega a miudo.

Cheio de insinuações, de reticencias, de *demi-mots*, sem a coragem da franqueza, occultando-se por traz das columns do jornal que o recebe, estamos vendo em de Cabrières um sujeito desconfiado, medroso, não arris-

UM HORTELÃO POLITICO.

Annuncia a opposição, dando rebate nos seus tachos mais estridulosos, que o snr. conde do Casal Ribeiro ia desligar-se da politica regeneradora e guerrear *a actual ordem de coisas*.

O facto, a ser verdadeiro, era para abalar pelos alicerces a basilica ministerial. Por isso elles, os tachos progressistas, repicaram com alvoroço, ao passo que, d'entre a turba dos aspirantes ao poder, se faziam gaifonas e acenava com lenços ao diplomata distincto e celebre epistolographo rural.

Pobre opposição !

Vai depois, meus snrs., quando ella contava já receber nas suas fileiras, com as honras devidas, o denodado e temido campeão parlamentar, brandindo ameaçador o gladio da sua eloquencia, soberbo no pedestal dos seus tacões monumentaes, quando ella tractava de lhe fazer ensaiar um hymno enthusiastico pela philarmonica *Delicias de Cápua*, quando entrevia o ministerio desmantelando-se como um castello de cartas ao sópro d'uma criança, eis que lhe atravessa a scena, aos ultimos bastidores, (o theatro representa a sala

das sessões do partido progressista com um bosque ao fundo), eis que lhe atravessa a scena um hortelão em mangas de camisa, de carapuça na cabeça, tamancos nos pés e uma enxada ao hombro.

Um grito d'espanto, de desapontamento e de raiva parte dos labios de todos os presentes, em quem borboleteava ainda ha pouco um sorriso d'esperança.

O hortelão era o snr. Casal Ribeiro, que, tendo abandonado a politica militante do seu paiz, se retirava para a Curujeira a tractar das..., não, a cavar ba..., tambem não;— mas sim, diziamos bem, a tractar das suas propriedades ruraes.

E logo um estrugir de tachos, os tachos do snr. Sampaio e do amigo Tavares, mais rachados mas não menos ensurdecedores que os outros, rebentou no campo adverso, lançando a confusão nas desorientadas hostes do snr. Braamcamp e do snr. bispo de Vizeu!

Ha, porém, quem affirme que este eclipse do snr. Casal Ribeiro será apenas momentaneo, e que s. exc.^a brevemente apparecerá transformado, de hortelão da Curujeira em patriota eximio!

Um homem das Arabias, s. exc.^a!

CAVACO.

A Critica apoderou-se do nosso primeiro livrinho para, depois de nos dispensar algumas palavras benevolas, nos dirigir algumas censuras paternaes. Aceitamos as primeiras com reconhecimento e tractaremos de justificar o nosso procedimento, quanto ás segundas.

Referem-se ellas ao artigo que denominamos *Jornaes e jornalistas* e nomeadamente aos periodos em que, á falta de dados mais positivos, appellamos para a repartição de fazenda no intuito de sabermos quantos individuos eram *ali* considerados escriptores publicos.

Se a Critica attentasse no que fica sublinhado, não teria talvez invocado a mais raza intelligencia auxiliada pela serenidade de espirito, a cuja luz viu que recorriamos á repartição de fazenda no empenho—de nos fornecer *os dados mais positivos*, sobre o numero e os nomes dos escriptores publicos existentes no Porto. Nós dissemos, ao contrario, que se usavamos d'esse meio, era—á falta de esses dados.

Entretanto a Critica faz-nos o obsequio de nos indicar o processo, em extremo simples,

por que teríamos conseguido realizar mais a preceito o nosso empenho:— pedindo aos proprietarios das folhas periodicas os nomes dos redactores. E accrescenta:

«Cremos que nenhum d'aquelles recusaria dal-os.»

Engana-se a Critica. Illude-a a sua extrema boa fé. Ora ouça :

Ha apenas alguns mezes um laborioso escriptor, que se propoz escrever a historia do journalismo em Portugal, procurou o *dono* d'uma gazeta portuense, que se tem na conta de grave e, tendo-lhe exposto o empenho em que andava, pediu-lhe a fineza de lhe dizer o nome dos redactores da sua folha.

Parece-lhe isto, á Critica, naturalissimo? — A nós tambem. Pois ouça agora s. exc.^a a resposta do alludido snr.:

— Consulte a cabeça do meu jornal.

O investigador observou o que foi dito. Na cabeça do jornal, ao centro, em typo olhede-boi, lia-se :

Proprietario—F...

E nada mais. Não tinha redactor.

Ouça ainda :

Perguntou-se ao *dono* de outro jornal, porque, sendo os seus redactores principaes

reconhecidas intelligencias, não assignavam os artigos?

Resposta :

—Porque não o consinto eu; d'esse modo, para se tractar qualquer assumpto, para se ventilar qualquer questão no *meu* jornal, em vez de se dirigirem *a mim* os interessados, iam-se logo ter com os redactores, e lá combinavam entre si o negocio, quando em *minha* casa quem manda sou *eu*, e ninguem *aqui* publica uma *linha* sem *minha* ordem. Tudo, menos assignar os artigos; para isso pago.

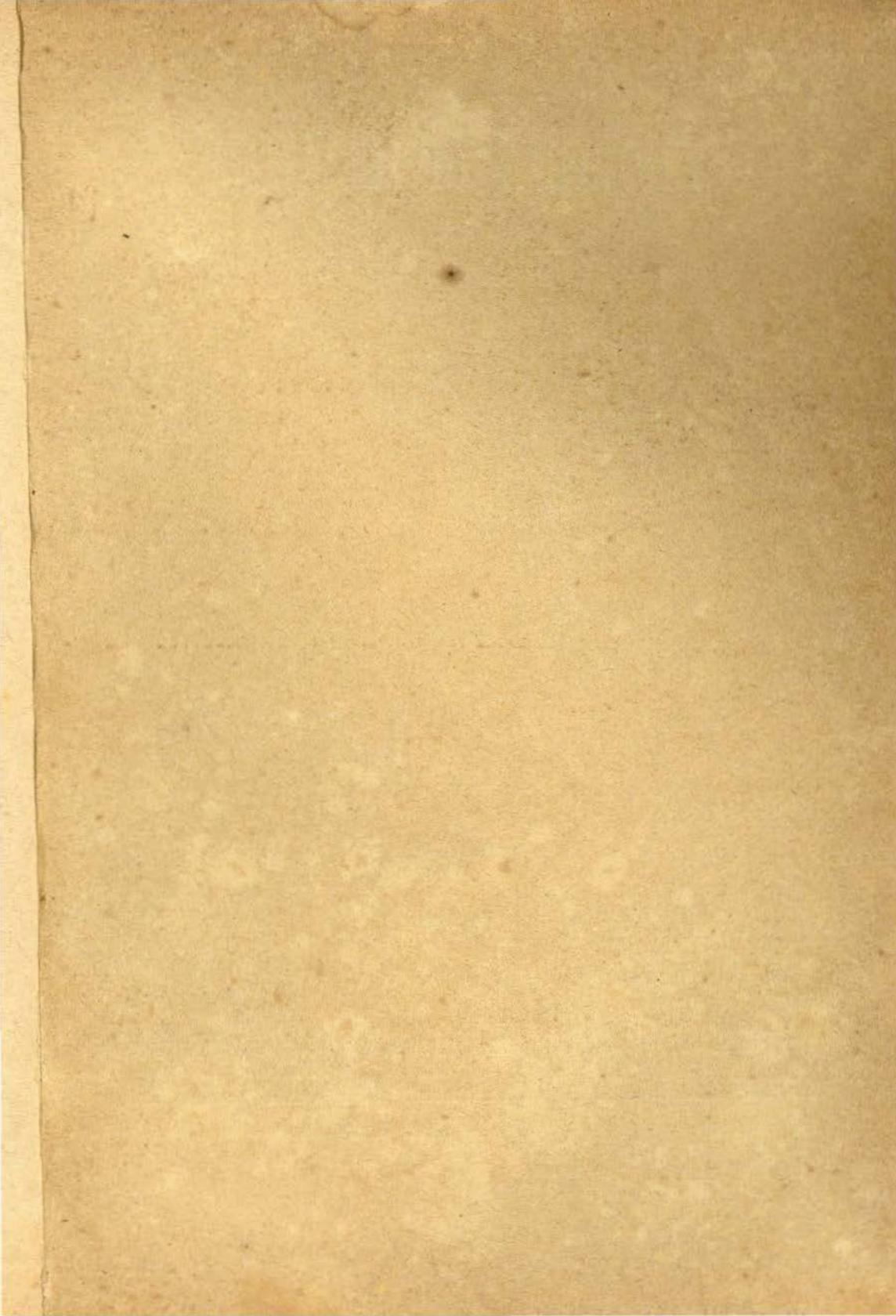
Ja vê a Critica, pobre Critica ingenua, quanto se enganou indicando o interrogatorio aos proprietarios das nossas gazetas diarias como facil expediente de sabermos os nomes dos jornalistas portuenses!

O proprietario da folha periodica oppôr-se-ha sempre a que se nomeie o seu redactor, e tractará sempre de o encobrir com o rotundo abdomen, deixando-o na penumbra,—porque tem ciumes d'elle! porque teme que lhe fuja parte da importancia, que adquirira á custa da intelligencia, do estudo e do trabalho do seu modesto operario, do seu acurvado *jornaleiro*. Se elle é quem paga!

Temos provado que, se o meio de que lan-

çamos mão para conhecer os jornalistas portuenses,—a repartição de fazenda—não é infalível (nós dissemos «á falta de dados mais positivos»), o que a Critica teve a bondade de nos apontar não é isempto de inconvenientes, e pouco mais adiantaria.

N. B. A imprensa portugueza continúa a ser anonyma.



LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE

EDUARDO DA COSTA SANTOS

N'esta livraria encontram-se á venda todas as obras publicadas pela casa editora de **MATTOS MOREIRA & C.^a** de Lisboa, de que é succursal, bem como todos os compendios d'aula e grande variedade de livros francezes.

ORTIGÕES

CHRONICA DO MEZ

PREÇO

Por assignatura . . .	120 réis
Avulso	180 réis

Para as provincias accresce o porte do correio.

Porto — Typ. Occidental — Rua da Picaria, 50 a 54.